

Passada a fase da inocência, o lugar agora é do espetáculo

Meninos, eu vi. A frase, título de um livro do saudoso decano dos críticos musicais brasileiros, Jota Efegê, pode ser dita com autoridade pelo diretor geral do novo Festival da Record, Caetano Zama. Ele estava na organização da mais famosa das versões da série, em 1967, e daí em diante até a última, em 1969. Veio, viu e comandou a festa.

Então recém-chegado dos Estados Unidos, onde trabalhou em Nova Iorque para a Disney World na Feira Mundial, Zama, na verdade, veio para assumir um lugar que era dele, de direito. “A idéia primeira do Festival nasceu em 1956, na casa do Luiz Vergueiro, aqui, em São Paulo, em uma conversa entre ele, eu e o Solano Ribeiro”.

Dos três, apenas Caetano Zama está no comando agora, 22 anos depois da última noite

do Festival — “e seis anos depois de tanto tentar a volta”, segundo ele. Só que quase não sai. A Rede Globo de Televisão ficou sabendo que um dos anunciantes do Festival era a Shell e, segundo Zama, pressionou para que a multinacional ficasse fora do evento. “A Globo prepara o seu festival para o ano que vem, e conta com a Shell para bancá-lo”.

Zama saiu em campo e garantiu outros patrocinadores, entre eles, a Vasp do brasileiro-se Wagner Canhedo. E, com muita habilidade, convenceu os bispos de Edir Macedo — o dono de agora, da Record — a não deixar que o novo Festival se transformasse, de MPB em evangélico. “Até agora, apenas um crente se inscreveu com uma canção religiosa”, e a tendência é a de que parem por aí.

Os tempos mudaram, e o Festival da Record também. Na finalíssima de 1967, enquanto esperava o resultado, o quase-menino Chico Buarque de Hollanda dizia à repórter e hoje deputada Cidinha Campos (PDT-RJ) que “existe um tipo de canção festivalística”, e que “apesar de minha música (“Roda Viva”) estar fora desse molde”, esperava uma boa classificação. Tirou em terceiro, na frente de “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso — e atrás de “Domingo no Parque”, de Gilberto Gil (que ficou em segundo) e da campeoníssima “Ponteio”, de Edu Lobo, que a interpretou em dupla com Marília Medalha.

O momento é outro, agora: “Não há mais no ar *aquele* clima de inocência amadorísti-

ca”, supõe Caetano Zama. A seu ver, já não há mais espaço para gestos como o de José Ricardo. Em 1967, vaiado pelo público que hostilizava o seu “Beto Bom de Bola e lotava o Teatro Paramount (transformado em Record), ele acabou quebrando o violão e, em protesto, atirando o instrumento sobre a turba ensandecida. “Há que se pensar, de um lado, no espetáculo, e de outro, em sua coerência intrínseca”.

Ética — Assim, ao contrário da salada — às vezes indigesta, mas historicamente importante que caracterizou o Festival da Record nos anos 60 — desta vez a coisa é diferente. “Só vale MPB, e a organização do Festival — não os compositores — é quem vai escolher os intérpretes das músicas selecionadas”. A crítica musical está fora, também, e, ao invés de Sérgio Cabral e Chico Anysio, que estavam no júri de 1967, “vamos dividir as músicas inscritas em lotes, e dá-los a ouvir a produtores musicais e músicos de estúdio”. De preferência, *jinglistas*, “que têm ouvido rápido e apurado para descobrir e distinguir a pérola da porcaria”, segundo Caetano Zama. “O nosso compromisso é com a excelência e com o novo”.

E haja ouvido “rápido e apurado”, para tanta música. Zama já tem cerca de 50 deles contratados para a pré-seleção, “mas terei que chamar muito mais gente, porque, até o dia 31 deste mês, quando acabam as inscrições, deveremos ter em mãos por volta de

cinco mil canções”. A uma semana do prazo final de inscrições, Zama já tinha computado quase quatro mil músicas.

Amigo de Boni, o *big-boss* da *Vênus Platina*, Zama, à frente do “Abertura”, teve o dissabor de, ao levar ao Rio de Janeiro as 60 músicas selecionadas para o festival, ter de se impor a um diretor da Globo que, à última hora, queria incluir, *na marra*, “uma fitinha de um amigo”. Boni não deixou, mas Zama, que seria contratado pela emissora logo após o evento, até hoje está esperando.

Espectador privilegiado, Caetano Zama lembra ainda o que aconteceu em outro festival pela televisão, o “MPB-Shell” nos anos 80, também pela Rede Globo: “ficou difícil explicar ao público, de que modo a Som Livre já tinha montado discos com as vencedoras, se elas, na hora de prensagem, não tinham sido ainda escolhidas pelo júri”.

Por essas e outras, é que Zama não aceita inscrições via gravadora de discos: “Dia desses, o editor das músicas do Milton Nascimento, do Chico e de outras “feras” da MPB — que vem a ser o meu antigo pandeirista, dos tempos em que eu tinha um conjunto musical — me ligou perguntando se havia algum “acerto” neste festival”. Zama lhe garantiu que não existe *marmelada*, e não será surpresa se *pintar* alguma inscrição famosa. (C. A. S.)